

IMPLICAÇÕES PARA ESTRATIGRAFIA DO VULCANISMO ÁCIDO NO CRÁTON AMAZÔNICO DECORRENTES DA IDENTIFICAÇÃO DE *ASH-FLOW* CALDERAS NA PROVÍNCIA AURÍFERA DO TAPAJÓS

Juliani C.¹, Corrêa-Silva R.H.¹, Monteiro L.V.S.¹, Freitas F.C.¹, Bettencourt J.S.¹, Teixeira N.P.², Chissini G.B.¹, Silva J.M.¹

¹ Instituto de Geociências-USP (cjuliani@usp.br)

² Universidade Federal do Pará-UFPA

Com o avanço dos estudos, as vulcânicas e vulcanoclásticas do Cráton Amazônico tem sido gradativamente subdivididas, sendo reconhecidas unidades relativamente mais novas a sul da Serra do Cachimbo e outras mais antigas, como Fm. Vila Riozinho no Tapajós. Estas subdivisões são, em essência, geocronológicas, mas a litologia tem permitido a subdivisão do Grupo Iriri *latu sensu* em uma unidade vulcanoclástica (Fm. Aruri), que recobre os riolitos da Fm. Salustiano. Alguns autores inserem ainda neste Grupo as vulcânicas andesíticas da Fm. Bom Jardim e há também unidades correlatas, como a Fm. Moraes de Almeida.

Com a identificação de complexos de caldeiras na Província Aurífera do Tapajós algumas considerações podem ser feitas quanto à estratigrafia das rochas vulcânicas e vulcanoclásticas da região. A evolução de um complexo de caldeiras é iniciada com a construção de estratovulcões, geralmente, com uma unidade basal vulcânica básica e/ou andesítica, que grada para derrames riolíticos intercalados em tufos de cinzas (atividade pré-caldeira). Com a formação da caldeira grandes volumes de tufos de cinzas recobrem extensas áreas (atividade sin-caldeira) e, por fim há o desenvolvimento vulcões anelares, radiais ou internos, compostos por cinzas e/ou lavas, bem como por domos riolíticos resurgentes (atividades sin- a pós- e intra-caldeira) e depósitos epiclásticos. Em complexos de caldeiras (*nested calderas*), como as interpretadas no Tapajós, o desenvolvimento de caldeiras próximas e superpostas, leva à interdigitação de lavas e de fluxos piroclásticos num espaço de tempo que pode alcançar algumas dezenas de milhões de anos. Isto pode fazer com que datações pontuais, sem o reconhecimento químico e faciológico das vulcânicas e vulcanoclásticas, não separem as formações, e sim as aglutinem em unidades híbridas, o que implicaria na necessidade de mapeamentos faciológicos e geoquímicos. As unidades do Grupo Iriri *latu sensu* aparentam ser associações litotípicas que podem pertencer a diversas formações vulcanogênicas, o que implicaria na redefinição da estratigrafia em vigor. Isto é especialmente factível pelas extensões superiores a 50 km sugeridas para os complexos de caldeiras do Tapajós, e pela sua possível formação em região de *back-arc*, com subdução de oeste para leste, o que implicaria, potencialmente, na migração do arco vulcânico para leste, com gradativa redução da idade das vulcânicas. Assim, a distribuição das formações podem ser também definidas por um forte controle estrutural, definido pelas zonas de *rifts* alinhados aproximadamente paralelamente à zonas de subducção, que controlam a formação dos complexos de caldeiras. Nota-se, neste contexto, que zonas de falhas no Tapajós orientaram-se segundo noroeste-sudeste, mas possíveis paleo-*rifts* orientam-se segundo leste-oeste, o que poderia sugerir uma geometria diferente da atualmente admitida para a zona de subducção da Província Tapajós-Parima. Por fim, a coexistência temporal de granitos anorogênicos do tipo-A e tardi-colisionais cálcio-alcalinos, e suas respectivas vulcânicas carecem, ainda de estudos não somente para separação das diversas unidades que as compõem, como também petrogenéticos.